

“SOBRE APRISIONAMENTO E MULTIPLICAÇÃO DRAMÁTICA: A OBRA DE EDUARDO PAVLOVSKY NUMA PENITENCIÁRIA BRASILEIRA”

DIOGO LIBERANO¹

Resumo

O presente texto é antes um relato. Tentativa de transpor em palavras um pouco da experiência que foi apresentar o espetáculo teatral NÃO DOIS² na penitenciária feminina Talavera Bruce, no bairro de Bangu, na cidade do Rio de Janeiro. A convite do projeto “Teatro na Prisão”, desenvolvido dentro da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO), o Teatro Inominável realizou uma apresentação de um espetáculo de seu repertório. Assim, na terça-feira dia quatro de outubro de dois mil e onze, por volta das dez horas da manhã, nosso primeiro trabalho, NÃO DOIS, era encenado a cerca de cinquenta mulheres e mais uma dezena de profissionais (dentre diretora e vice-diretora da penitenciária, além de coordenadoras e professoras da escola na qual boa parte das detentas assistem aula).

A escolha do espetáculo foi intencional. Para além de ser nosso primeiro espetáculo, NÃO DOIS é também fruto de um processo que durou cerca de treze meses contínuos de pesquisa. De novembro de 2008 a dezembro de 2009 (quando realizamos as primeiras apresentações dentro da Universidade Federal do Rio de Janeiro), NÃO DOIS foi nascendo a partir do contato com a obra “Paso de Dos” do dramaturgo argentino Eduardo Pavlovsky. O texto de Pavlovsky, escrito em 1990, apresenta uma relação de amor e ódio entre as personagens ELE e ELA, mais precisamente, um torturador e sua torturada. Foi através dessa aparente contradição lógica (a coexistência do horror e do afeto) dentro de uma relação humana (aquela vivida pelas duas personagens) que a nossa leitura da obra de Pavlovsky foi ganhando seus contornos mais específicos.

¹ Diogo Liberano é ator, dramaturgo e diretor teatral. Graduado em Artes Cênicas: Direção Teatral pela Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ – é também fundador e diretor artístico do Teatro Inominável, companhia carioca pela qual dirigiu os espetáculos NÃO DOIS (2009), VAZIO É O QUE NÃO FALTA, MIRANDA (2010) e COMO CAVALGAR UM DRAGÃO (2011). Escreve semanalmente no blog *Lendo Árvores e Escrevendo Filhos* [<http://lendoarvoreseeescrevendofilhos.blogspot.com/>].

²Para saber mais sobre o espetáculo, acesse o blog do mesmo [<http://naodois.blogspot.com/>].



Cartaz para divulgação interna na penitenciária – Outubro de 2011

O nome NÃO DOIS surgiu de uma “tradução” do título em francês da peça de Pavlovsky, PAS-DE-DEUX. O “pas” em francês é uma partícula de negação e a encenação que construímos parte de um esforço para quebrar certa dicotomia que se instaura sob variadas formas e nos impede de ver a complexidade da vida, de entrar em contato com ela. No caso desta dramaturgia, por exemplo, nos impressionava como os rótulos de vítima e algo transitavam entre as personagens, como ambos coexistiam num mesmo corpo, tornando ainda mais difícil a simples classificação em “torturador” e/ou “torturada”. Assim, esta encenação apresenta uma relação que chegou ao fim. Ela parte da vontade de investigar a possibilidade do horror e do afeto num mesmo gesto. Não desejamos dizer o que é e o que não é, mas sugerir, atentar para o fato de estarmos sempre sujeitos as interpretações. Atentar para o fato de que não detemos em nós sentido algum.

Depois de nossa estreia em dezembro de 2009, seguindo em 2010 temporadas pela cidade do Rio de Janeiro e festivais de teatro, foi com grande prazer e apreensão que o convite a se apresentar numa penitenciária nos chegou. As razões eram óbvias, mas mesmo assim, nos pareceram inéditas. Estávamos prestes a apresentar um espetáculo cuja dramaturgia e encenação versavam sobre aprisionamento, sobre tortura e dependência, física e/ou psíquica. Ora, talvez pela primeira vez estivéssemos entrando em contato com o público mais protagonista do que simplesmente público. Sem dúvida alguma, em todo esse relato

conserva-se – plena – a possibilidade do erro, da opinião imprecisa e mesmo preconceituosa. Ao mesmo tempo, se conserva aqui a necessidade de especular sobre a existência de uma obra de arte em meio ao nosso dia-a-dia.

Assim, fomos até a prisão numa van, fornecida pela própria UNIRIO. Ao chegarmos na penitenciária, deixamos dentro do automóvel tudo o que não fosse estritamente necessário a execução da peça. Deixei minha mochila, carteira, chaves de casa, celular, moedas. Entrei somente com a carteira de identidade e com a roupa do corpo (que mesmo assim – havíamos sido antes avisados – não poderia ser de algumas cores específicas, para que não houvesse confusão com a vestimenta dos seguranças). Levamos o cenário nós mesmos, eu e os dois atores, cruzando os corredores da penitenciária e cumprimentando as inúmeras mulheres que ali trabalhavam. Poucos homens ocupavam o espaço: dois seguranças no portão de entrada e, fora estes, sobravam eu, o ator Dan Marins e um estagiário do projeto “Teatro na Prisão”, que nos acompanhava.

Chegamos, depois de cruzar muitos corredores, num auditório. Um espaço sujo, com cheiro de fezes, completamente empoeirado, no qual já estavam dispostas algumas dezenas de cadeiras plásticas, brancas. Havia um palco, cerca de oitenta centímetros acima do chão onde a audiência ficaria. Optamos por realizar a apresentação no mesmo “andar” que o das mulheres que nos assistiriam. Recortei a área cênica com fita crepe, criando uma área de 6m de largura por 5m de comprimento. Posicionamos as cadeiras tanto na frente desta área como nas duas laterais, preservando a aresta dos fundos. Era inegável que uma série de concessões estéticas e formais foram feitas para que o espetáculo pudesse acontecer. Estranha foi a sensação de que nenhuma das exigências abolidas realmente pareciam determinantes para o acontecimento da encenação teatral.

Não tivemos muito tempo para realizar a montagem. Uma mulher – responsável pela segurança da porta do auditório – solicitava que deixássemos as mulheres entrar no espaço, visando evitar a aglomeração de detentas do lado de fora. Os atores rapidamente vestiram seus figurinos. Cabe aqui registrar que ao entrarmos na prisão, fomos abordados por conta de uma calça masculina de cor preta. Essa calça faz parte do figurino que Dan utiliza, porém, é da mesma cor que a vestimenta características dos seguranças. Depois de alguma conversa, permitiram que entrássemos com a calça, mas fomos advertidos de que seria necessário voltar com a calça, para que a mesma fosse mostrada quando saíssemos da penitenciária.



Dan Marins e Natássia Vello – Ensaios para primeira temporada – Junho de 2010

Tão logo os atores se posicionaram no espaço, as mulheres entraram no espaço. Foi curioso, entraram com certa urgência, se posicionando nas cadeiras e no chão. Por um segundo me assustei, porque a maioria entrou na sala com as mãos para trás. Achei que estivessem algemadas, mas não. Era apenas algum comportamento “normal” ali dentro. Elas andavam com as mãos para trás naturalmente. E eu olhando todas aquelas mulheres e tentando medir, de alguma forma, o que nos separava. Qual horror, ou acontecimento, que as fazia prisioneiras daquele lugar? Enfim, não posso esconder que fiquei surpreso ao não encontrar nada. Busquei seus olhos e o clichê da instituição “prisão” aos poucos foi perdendo força e cor. Não que eu não soubesse disso, mas ali próximas a mim, haviam apenas mulheres, antes de tudo, pessoas.

NÃO DOIS é uma proposta de encenação que coloca em questão a nossa estranha capacidade de amar e matar num mesmo gesto. Partimos, inicialmente, da palavra. Pelo verbo se tornou possível desbravar as personagens e descobrir seus paradoxos, medos e desejos. Em seguida, provocamos o encontro do texto com uma partitura física que se repete durante todo o espetáculo, sofrendo apenas variações de direção, ritmo e intenção. Durante o processo, desenvolvemos uma leitura específica sobre o texto original: a de que

ELA foi morta por ELE. Isso nos lançou irremediavelmente na noção de sobrevivência. Por isso há nos dois o esforço de lembrar o que viveram juntos, as experiências compartilhadas. Por isso a repetição. ELE quer reviver o que passou por conta das intensidades trocadas e também porque voltar ao passado dispersa o fato – presente – de tê-la matado. ELA ao reviver o passado se vinga d’ELE e parece assegurar um pouco mais sua existência.

Para isso, a encenação aposta num espaço intimista, um simples quarto de dormir (ou de tortura). A iluminação marca uma estética asséptica, assegurada pelo uso de três luminárias frias. Aliado a isto se trabalha com a presença de uma estrutura moldada a ferro, remetendo ao corpo morto d’ELA ao mesmo tempo em que também a uma máquina de tortura. É pela noção de falta que os dois ali se estruturam. Os dois seres ali são o que já foram. Eles são o que por eles passaram, o que por eles se perdeu. O momento presente diz respeito ao passado. O presente diz respeito ao ato de sobreviver, de restar, de durar, de ainda conseguir se manter mesmo com todas as perdas. De perdurar, de resistir e nisso também poder se reinventar.

Ali diante daquelas mulheres, no entanto, lidamos apenas com o essencial. Apenas os dois atores (Dan Marins e Natássia Vello) e o terceiro corpo, a estrutura moldada a ferro que apelidamos de “estortura” (numa mistura das palavras “estrutura” e “tortura”). Antes do espetáculo começar, houve muito barulho. A coordenadora do projeto disse algumas palavras, agradecendo a presença de todas as presidiárias. Em seguida, fui eu quem pontuei algumas coisas. Falei que apresentaríamos o espetáculo NÃO DOIS, que a duração era de aproximadamente quarenta minutos e que no fim, se possível, gostaria muitíssimo de conversar, bater um papo, ouvir e falar sobre aquilo que dentre em pouco assistiríamos. Pedi a todas o máximo de silêncio, para que pudéssemos ouvir tudo e, em silêncio, me repreendi por tê-las pedido – mais uma vez – silêncio.

Encostei-me a parede enquanto os dois atores começavam a partitura que dá início ao espetáculo. Eu vasculhando a minha cabeça, pensando no “silêncio”. Durante o processo, encontramos no ditado popular “quem cala consente”³o mote de partida. O texto nos apresentava uma situação de violência entre um homem e uma mulher, entre aqueles que seriam, respectivamente, um torturador e uma torturada. Na dramaturgia, o homem exige

3A expressão “quem cala consente” é conhecida, no Brasil, como um ditado popular ou provérbio, frase de caráter popular que expressa um texto curto de autoria anônima e que geralmente se baseia no senso comum ou numa repetição que se mantém imutável no correr dos anos.

da mulher o seu reconhecimento e ela cala. Ela tem o corpo por ele destruído, mas cala, não lhe dá seu reconhecimento. Em outras palavras, ela – apesar de calar – não consente o que lhe é exigido. Esse texto, portanto, me fez pensar em algo como a expressão “nem sempre”. De alguma forma, a encenação NÃO DOIS é uma tentativa de inserir dentro do ditado popular “quem cala consente” esta expressão, como se quiséssemos dizer que quem cala “nem sempre” consente.



Dan Marins e Natássia Vello – Estreia – Dezembro de 2009 (Fotos de Diogo Liberano)

Não sei exatamente o que este relato quer dizer. Não me preocupo. Meus pré-conceitos devem estar saltando e aparecendo. Tudo bem. A experiência vivida com esta apresentação falhou muitas coisas, muitas noções, muitos sentidos. Durante a apresentação, era nítido que os atores tentavam, por vezes, falar mais alto, puxando a atenção de volta a cena. Foi curioso ouvir risadas, comentários simultâneos ao acontecimento das cenas. Foi curioso ver mãos sobre bocas, olhares perplexos lançados para lá e para cá. Achei que a peça, de fato, não as pudesse interessar, mas era cedo demais para pensar em qualquer coisa. Me contentei em assistir ao espetáculo, como se fosse também a minha primeira vez.

A nossa estrutura geral do espetáculo, conforme exposto anteriormente, foi simplificada. Era um auditório completamente iluminado por inúmeras janelas que não puderam ser cobertas. A escuridão, tão necessária ao espetáculo, se perdeu. As luminárias, nem chegaram a entrar na penitenciária. Eram apenas os atores dentro de um área demarcada. E eu – mais uma vez – pensando sobre essencialidade. Eu pensando em espetacularização. Eu pensando se a crueza da encenação teatral só estava a mim destinada por conta de alguma impossibilidade técnica e nunca por escolha minha, intencional.

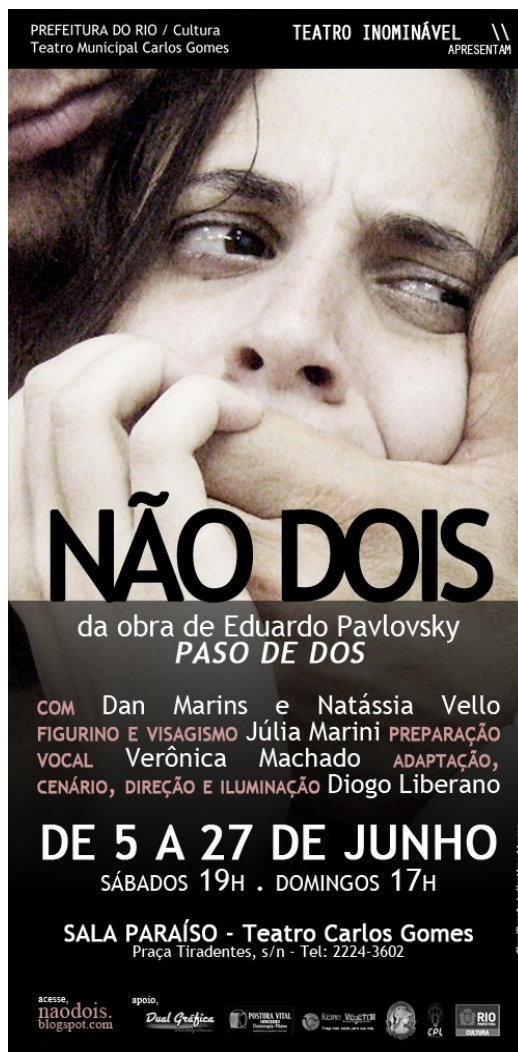
Durante a apresentação, algumas mulheres foram ao banheiro. Outras estavam muito atentas. O texto de Pavlovsky, completamente rebuscado ou, nem isso, apenas recheado de palavras pouco usuais, causava aproximações e afastamentos. Eu nem assisti a peça, confesso. Estive preso aos olhos. Eu ali me sentindo um cara estranho, errado, tentando ler nos olhos daquelas mulheres alguma coisa. Era tão especial tudo aquilo. E os olhos sempre dizem mais do que dizemos.

Pensei de novo em encontro. Pensei mesmo. Eu pensei um pouco mais sobre o que significa levar a uma prisão uma peça que fala de aprisionamento, que fala de violência contra a mulher, que fala de morte e dependência. Uma peça que fala de sobrevivência, vingança, temas que até então me eram temas e nem tanto acontecimento. Temas como conceitos. Vazios de jogo, de corpo e tudo mais. Apenas ideias. Ali, no entanto, alguma energia foi tornando as palavras mais densas do que realmente eram. Os corpos dos atores, atritando, se batendo, a cena – aquele artificial todo inventado – foi ficando mais grave, mais leve, ficando mutante e respirando.

Durante a criação do espetáculo, servimo-nos de improvisações buscando relações distintas entre as duas personagens. Partimos de composições físicas em primeiro plano e, depois, do encontro entre partituras e textos. O processo pôde se desenvolver quando percebemos como o embate entre expressões verbais e físicas era rico. Como poderíamos dificultar uma leitura mais literal em troca da sugestão, em troca da requisição do público enquanto cúmplice dos fatos postos em cena.

O trabalho de construção das cenas, assim, se pautou na feitura de composições. Era solicitado aos atores que executassem uma composição na qual eles deveriam inserir todos os itens que eu havia colocado numa lista. A obrigatoriedade no cumprimento dos itens determinou uma cena quase sempre muito distinta, porque exigia aos atores a soma de ingredientes por vezes extremamente difíceis de serem somados. Eram momentos propícios para a gênese do contraditório, como costume dizer.

Talvez a leitura deste pequeno relato não dê conta de expressar a força que este encontro abriu. Foi inevitável não pensar sobre pontos de vista. Sobre quais pontos de vista aquelas mulheres miravam aquele objeto, aquela cena. A violência do personagem masculino sobre a feminina foi se intensificando, bem como sugere a dramaturgia. E um pouco mais, ao se levar em conta os corpos do par de atores. A sedução, ao mesmo tempo, também cresceu. E algumas mulheres reagiam com palavras, gritos, reagiam com selar de mãos e braços, entre elas. Em nossa encenação, um mesmo gesto que seja explicitamente violento, é revisto sob outro ângulo, comportando em si outras leituras possíveis. Assim, quando o espetáculo chegou ao fim, com a personagem feminina “vencendo” a opressão masculina, foi algo como a redenção de todas. Vibravam e gritavam e, em seguida, muitas palmas, muitas palmas. Enquanto eu pensava “meu deus, eu não acho isso bom”. Mas, importa o que eu acho?



PREFEITURA DO RIO / Cultura
Teatro Municipal Carlos Gomes

TEATRO INOMINÁVEL
APRESENTAM

NÃO DOIS

da obra de Eduardo Pavlovsky
PASO DE DOS

COM Dan Marins e Natássia Vello
FIGURINO E VISAGISMO Júlia Marini PREPARAÇÃO
VOCAL Verônica Machado ADAPTAÇÃO,
CENÁRIO, DIREÇÃO E ILUMINAÇÃO Diogo Liberano

DE 5 A 27 DE JUNHO
SÁBADOS 19H . DOMINGOS 17H

SALA PARAÍSO - Teatro Carlos Gomes
Praça Tiradentes, s/n - Tel: 2224-3602

Classificação indicativa: 14 anos

scspp
naodois.
blogspot.com

apoio,
Dual Grafica

POSTURA VITAL

Acervo Vegetal

CPT

RIO

Material de divulgação da primeira temporada – Junho de 2010

Começamos então um bate-papo. Muitas falaram, as opiniões se multiplicaram e as certezas morreram, intranquilas. Fizemos perguntas, fomos perguntados. Especulamos outras possibilidades. Conteí alguns casos, detalhes da criação, falei do processo, do vestido de casamento da minha mãe (que integra o cenário). Ouvi daquelas mulheres coisas como “ela estava desde o início tramando uma vingança”; “a vilã é ela”; “isso tá acontecendo na cabeça dele”; “isso que vocês apresentaram é exatamente a realidade”; “eu vivi isso, durante dez anos”; “ela fez isso com medo de apanhar dele”... Em suma, nossa conversa ficou num entre vida e obra que eu jamais pude esperar. Falamos do aprisionamento, eu voltei a usar essa palavra e logo em seguida me culpei por tê-la usado. Mas foi quando percebi que aquelas mulheres ali sabiam melhor do que quaisquer outras o que significavam todas aquelas palavras que eu dizia e, logo em seguida, me punia por ter dito. Falar de aprisionamento era como chover no molhado. Era redundante. A questão toda é que, talvez pela primeira vez, o aprisionamento de que tanto falamos durante o processo de criação tenha ganhado algum corpo, certa consistência. O encontro com tais mulheres, em uma penitenciária, tornou a noção de prisão (e aprisionamento) real o suficiente para lançarmos de volta a nossa obra, um olhar mais agudo sobre o tema. Como se o encontro com elas nos devolvesse a certeza irrevogável de que havia sim naqueles corpos e palavras, uma fagulha capaz de dinamitar a existência e a sua constante instabilidade.

Tivemos uma conversa franca e sem censura. Muitas mulheres estavam emocionadas. Trocamos relatos e experiências pessoais e, pela primeira vez, senti ressoar um conceito que descobri num dos escritos de Pavlovsky: a “multiplicação dramática”. Não cabe aqui desenhar com precisão a origem de tal conceito nem mesmo o seu significado a partir de seus autores. Registro apenas a nítida sensação de por estar reunido e em grupo, ter sentido também uma plena capacidade de mover sentidos e produzir novas leituras. Aqui ressalto um uso muito pessoal de tal conceito porque pensei, de fato, em ressonância, contaminação e multiplicação. A cena – já encerrada – ainda estimulando uma revista em nossas próprias vidas. A cena – já desmontada – ainda ecoando nos olhos e nas falas daquelas mulheres. A cena – já terminada – e na minha cabeça, a voz da mulher de cabelos negros sentada na primeira fileira: “eu vivi isso, durante dez anos”.

De alguma forma, o encontro provocado pela apresentação de NÃO DOIS nesta penitenciária nos fez redescobrir o valor de nosso espetáculo. É curioso como a vida nos nutre durante a criação de nossas obras, mas como depois de já criadas, a vida delas se despede, deixando um corpo belo, porém esvaziado. Não que existam formas fixas de se

fazer e operar esta enigmática relação entre obra e espectador, mas é inegável que no caso relatado a presença de tais mulheres na platéia lançou por sobre a nossa encenação certa atualização daquilo que faz anos estávamos apenas encenando. A violência, o aprisionamento e a dependência homem-mulher nunca antes haviam feito tanto sentido, nunca antes haviam sido tão sensíveis em nossa cena e corpo. E era nítido que ali, em cena, por meio dos corpos em movimento dos verbos e das intensidades em atrito, a vida foi sendo revistada para, novamente, ser revelada. Só que por outro(s) ponto(s) de vista.

A sensação do relato, aos poucos, se confunde e parte. Em seu lugar, no entanto, sobrevive outra impaciência: a de que durante certo tempo permanecerei parado neste encontro. Esse texto é um punhado de palavras ansiosas por não-esquecimento. Palavras aladas que lutam contra o risco de esvaziar a potência daquilo que chamamos ser o nosso trabalho: oh, teatro.

\